

★
SIOBHÁN PARKINSON
AUTORA MULTIPREMIADA

OS MILAGRES DE

Miranda



ÍNDICE

1. <i>O Projeto Darren</i>	11
2. <i>Dentes</i>	16
3. <i>Milagres e Enigmas</i>	21
4. <i>Geografia Fantasia</i>	29
5. <i>A Fada dos Dentes Mete os Pés pelas Mãos</i>	36
6. <i>O Terrível Segredo da Avó</i>	40
7. <i>Enviar Mensagens</i>	48
8. <i>Um Melro e um Saxofone</i>	55
9. <i>A Loja do Mestre André</i>	63
10. <i>Animais de Estimação</i>	70
11. <i>Operações</i>	74

12. <i>Uma Tragédia Familiar</i>	79
13. <i>Um Enigma</i>	87
14. <i>Galinhas com Dentaduras</i>	92
15. <i>Viveiro de Bactérias</i>	100
16. <i>A Palavra Começada por «F»</i>	110
17. <i>Um Milkybar</i>	118
18. <i>Franganotes</i>	122
19. <i>Uma Birra</i>	126
20. <i>Não Há Milagres</i>	133
21. <i>Embora, talvez...</i>	136
22. <i>O Milagre do Poço dos Desejos</i>	139
<i>Final</i>	153
<i>Agradecimentos</i>	157

Eles foram para o mar numa Peneira, foram sim,
Numa Peneira eles foram para o mar;
Não importa o que digam os amigos, ninguém
os dissuade,
Seja numa manhã de inverno ou num dia de tempestade.
Numa Peneira eles foram para o mar!
E quando a Peneira começou a girar e a girar,
Toda a gente gritou: «Ai, que se vão afogar!»
Eles responderam, alto e bom som: «A nossa Peneira
não é grande,
Mas nós não queremos saber, estamo-nos a marimbar,
É numa Peneira que vamos para o mar.»
Remotas e escassas, remotas e escassas
São as terras onde os Jumblies têm as suas casas;
As suas cabeças são verdes, e as mãos azuis,
E foram para o mar numa Peneira.

The Jumblies, Edward Lear





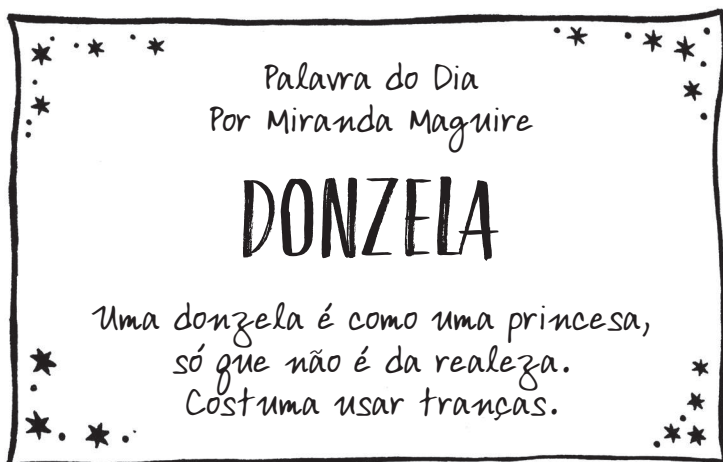
M.M.



1. O Projeto Darren

Aviso já que não vou começar com um monte de explicações aborrecidas sobre quem sou e que idade tenho e como é a minha família e essas coisas todas, porque, por acaso, tenho a certeza de que vocês conseguem descobrir isso sozinhos e, se não quiserem dar-se ao trabalho, bom, então o problema é vosso, e talvez fossem mais felizes se lessem outro livro qualquer.

Então, na minha aula temos de aprender todos os dias uma palavra nova e escrever o seu significado. Chama-se A Palavra do Dia. Depois a professora escolhe a melhor, e a pessoa que a propôs vai afixá-la num quadro especial que temos na sala, o Quadro das Palavras. Hoje fui eu que ganhei (costumo ganhar muitas vezes, por acaso) e isto foi o que escrevi:



Se pudesse escolher duas Palavras do Dia em vez de uma, tinha escolhido «tranças», além de «donzela». Há muitos tipos de tranças e ficam mesmo bonitas em cabelos compridos, dourados e brilhantes. Não têm nada a ver com «tranças», que é o que o Darren Hoey finge que pensa são. Como é rapaz, pensa que tem de fazer piadinhas com tudo o que se relacione com raparigas. Muitos rapazes são assim, até os menos-parvos. A vida tem destas coisas.

Ou, pelo menos, os rapazes têm destas coisas. Dá a impressão de que fazem de propósito para as raparigas não conseguirem ser simpáticas com eles. Não deve ser nada fácil ser rapaz. Parece que têm sempre de gozar com as coisas das raparigas, o que é estúpido, porque, por acaso, as coisas das raparigas são lindas e maravilhosas, enquanto as dos rapazes são tipo lutas e fatos de treino e cortes de cabelo horrorosos, que não têm nada de lindo e maravilhoso.

Acho que talvez não sejam muito felizes, os rapazes. Uma vez, o Darren perdeu a borracha e eu emprestei-lhe a minha borracha-hipopótamo, mas ele recusou-se a usá-la porque era cor-de-rosa. Ainda por cima nem era mesmo cor-de-rosa, era encarnada, só que estava um bocadinho velha.

— Eu vou dar a volta ao Darren Hoey — disse um dia destes, depois da escola, à Caroline O'Rourke, ou COR, como eu lhe chamo. A COR é a minha melhor amiga em todo o mundo desde os 4 anos. — Vais ver se não vou! — continuei. — Há de comer na palma da minha...

— Dar a volta como? — interrompeu a COR. — Tipo, virá-lo ao contrário?

Às vezes pergunto-me que raio de língua é que se fala em casa dela. «Dar a volta» é uma *expressão*.

— Não, trazê-lo para o *nosso lado* — expliquei. — É esse o meu plano. Vou chamar-lhe «Projeto Darren».

— Queres dizer, para o lado das raparigas? Acho que a professora Lucey não vai gostar disso. Os rapazes não podem entrar nas nossas casas de banho.

— E quem é que falou em *casas de banho*, sua totó? — disse eu. — A ideia é fazer com que o Darren seja mais como nós e se porte como um anjinho.

— Mas nós não somos anjinhos — replicou a COR. — Nem eu queria ser. Os anjos são lamechas — acrescentou, franzindo o nariz.

Suspirei. Eu adoro a COR. Ela tem bom coração. Mas, às vezes, dá-me muito trabalho, e detesta coisas lamechas. Preciso de tomar atenção quando falo com ela.

Comecei a tratá-la por COR porque, primeiro, são as iniciais do nome dela, e depois, porque, na minha modesta opinião, COR lhe assenta muito melhor do que Caroline. Caroline parece nome de rainha ou assim. COR não é nem um bocadinho majestoso. Quer dizer, ela usa totós. Onde é que já se viu uma rainha de totós?

A COR é muito boa no futebol. Eu não sou muito boa no futebol. Sou muito boa na Palavra do Dia. Por causa do futebol, a COR vai-se logo embora a seguir às aulas, para andar a cansar-se e a encher-se de lama, e eu não vou. Não é que o futebol esteja propriamente a meter-se entre nós, mas acabamos por não estar as duas no mesmo sítio, ao mesmo tempo, assim tantas vezes. Por isso, quando conseguimos estar juntas, eu gosto de ser especialmente simpática com ela. Também sou boa nisso. Sou super-simpática, por acaso.

Nós somos mesmo boas amigas, eu e a COR, e costumamos fazer bolos juntas, aos sábados. Fazemos tartes de maçã para os crescidos e queques de chocolate para nós. Não fazemos *cupcakes*, porque eu me recuso a comer uma coisa turquesa. Sobretudo se houver queques de chocolate, e há sempre queques de chocolate, porque nós os fazemos. (É esperto, não é?)

Acho que a COR tem razão em relação aos anjos serem lamechas, mas o lado bom é que podem usar tranças. Eu acho as tranças o máximo. Quando era mais pequena, tinha o cabelo louro. Pronto, está bem, não era bem louro, mas era *claro*. Agora está castanho-uh (é isso

que a Gemma lhe chama; ela fala assim às vezes) e não fica nada bem em tranças. A Gemma é a minha irmã mais velha, já agora. Bem mais velha. Ela acha que sabe tudo. Mas *não* sabe.

— Vou chamar-lhe Projeto Darren — digo, outra vez, à COR.

— De que é que estás a falar?

— Daquilo do Darren Hoey. Vou convencê-lo a fazer uma coisa simpática por uma rapariga, até ao fim do período, nem que isso me mate.

— Provavelmente, mata-te *mesmo* — disse a COR.

Nesse caso, gostava de ter um funeral bonito, com música e flores. Mas não disse isso à COR, com medo de que fosse demasiado lamechas.



2. *Dentes*

A nossa professora é quase sempre simpática. Quando se zanga, a voz dela parece uma coisa de ferro a cair num chão de cimento. Até faz doer os ouvidos. Mas ela raramente usa a voz de ferro-no-cimento e, de vez em quando, lê-nos histórias, apesar de nós termos idade mais do que suficiente para ler sozinhos, *em silêncio*. Em muitas das histórias há donzelas com tranças, embora a professora também leia algumas para os rapazes, sobre futebol e lutas. A COR gosta mais dessas do que das que têm donzelas. Eu tento não julgar.

Chama-se Sra. Lucey, a nossa professora. Nós não tratamos os professores pelo nome próprio, a nossa escola não é dessas. Eu sei que há escolas em que isso acontece, porque o meu primo de Dublin anda numa escola

onde os professores têm nomes próprios. Quando contei à minha avó, ela disse: «Não me venhas com essa!» Isso quer dizer que ela não acredita.

Lucey é o apelido da nossa professora, da mesma maneira que há pessoas chamadas Hoey e O'Rourke. O problema é que alguém com este apelido nunca poderia chamar-se Lucy, o que é uma pena, porque Lucy é um nome muito bonito. Mas, de facto, era muito parvo ter duas vezes o mesmo nome, a menos que fosse um panda. Eu não sei qual é o nome próprio da Sra. Lucey. Espero que seja bonito. Amanda ou Angelica ou algo assim.

A Sra. Lucey é casada. Sei isso porque o ano passado ela foi a Paris na lua de mel, e está sempre a falar no assunto. Por acaso, fui a Paris uma vez, quando era mais nova, e não gostei muito. Todas aquelas pedrinhas beges e pontiagudas no chão, e toda a gente a falar francês (bom, essa parte é óbvia, suponho). A minha irmã Gemma diz que as pedras não podem ser beges. Eu digo que podem — as de Paris são beges, por isso é óbvio que podem. Seja como for, a questão é que a Sra. Lucey continua a chamar-se Sra. Lucey, e não Sra. Não-sei-qual-é-o-apelido-do-marido, apesar de ter tido uma lua de mel. A ver se me lembro de lhe perguntar acerca disso.

Entretanto, tivemos de fazer uma composição para trabalho de casa, e não era sobre um tema bonito, como tranças, mas sobre dentes, porque tivemos uma aula de higiene oral. E foi isto que eu escrevi:

Dentes

Na minha modesta opinião, quem quer que tenha inventado os dentes não fez um bom trabalho. Por exemplo, os bebés choram baba e ranho, e as pessoas costumam dizer que é porque têm os dentes a nascer. Ainda por cima, berram e gritam e babam-se e, no fim, ficam com dentes de leite, que são um grande desperdício de tempo, porque depois caem, o que também dói – e sangram.

As dores de dentes são uma TORTURA, e ir ao dentista é uma tortura ainda pior.

Quando as pessoas ficam velhas têm de usar uma dentadura postica, o que é uma coisa nojenta, embora também seja muito engraçada, mas isso é a única coisa boa sobre dentes em que consigo pensar.



Eu acho que seria bom se os dentes fossem mais parecidos com os dedos, por exemplo. Porque já nascemos com dedos e não precisamos que eles ROMPAM a seguir, e porque os dedos não doem sozinhos, só se tivermos um acidente ou assim.



Quando eu for crescida, vou ser cientista, como a Marie Curie (que tem um nome quase a rimar e as pessoas nunca notam), e hei de descobrir uma maneira de cruzar os dentes com os dedos.

Marie Curie, cientista que quase rima.

Mostrei a minha composição sobre os dentes à Gemma, porque a minha irmã gosta de verificar os meus trabalhos de casa (é muito mandona, por acaso), e ela disse que estava tudo errado e que não é assim que se faz um trabalho da escola. Primeiro devemos pesquisar o tema na internet ou na biblioteca, para descobriremos coisas, e, a seguir, temos de as escrever pelas nossas próprias palavras; não é suposto só dizermos parvoíces saídas da nossa cabeça. A Gemma passa a vida a dizer que as coisas que eu penso são parvas, o que não é mesmo verdade. Acho que ela tirou essa ideia da televisão, onde todas as irmãs mais velhas reviram os olhos, batem com as portas e chamam parvas às mais novas. A vida tem destas coisas.

Quando for uma Marie Curie, é claro que vou fazer a minha invenção como deve ser, e as pessoas não vão acabar com a boca cheia de dedos ou com dentes nas mãos. Porque, caso não tenham prestado atenção, eu não sou parva nenhuma.

A Gemma disse que aquela parte da minha composição sobre a Marie Curie é irrelevante, uma vez que a Marie Curie não era *geneticista* — o que me deixa supercontente, porque é uma palavra muito feia para alguém ser. Eu também nunca disse que a Marie Curie era geneticista, por isso não entendo como é irrelevante referi-la ali. A *Gemma* é que é irrelevante, na minha modesta opinião.

De qualquer maneira, eu sei que a minha professora vai gostar do que eu escrevi, porque usei as minhas próprias palavras e ela gosta sempre das coisas que eu escrevo, porque eu tenho uma grande imaginação. É isso que a professora lhe chama, uma grande imaginação, embora eu não ache que as imaginações tenham diferentes tamanhos, como os sapatos ou as bicicletas, mas não discuto com a professora, porque ela não gosta quando nós discutimos. Os professores têm destas coisas.

É essa a diferença entre a escola e a nossa casa. Em casa, podemos discutir à vontade. Na minha, chama-se a isso «debater» e ninguém se importa, desde que a pessoa não esteja só a lamuriar-se e tenha coisas importantes para dizer. Eu tenho quase sempre coisas importantes para dizer, por acaso.

Mas não quero que pensem que a professora Lucey é má. Ela até é mais ou menos fixe. Para um adulto.



Livros que te surpreendem pela história,
que te atraem pela imagem,
que te encantam pela mensagem,
que se distinguem como estrelas brilhantes.

LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO



Se usares a tua imaginação,
os sonhos podem tornar-se realidade...

Miranda Maguire adora palavras
e imaginar histórias.

Quando a sua irmã adocece,
Miranda começa a escrever uma
história e pequenos milagres
parecem acontecer: a sua avó deixa
de fumar, o terrível Darren Hoey passa
a ser simpático para ela...

Será Miranda capaz de escrever
o milagre que vai salvar a sua irmã?



fábula

imagina descobre voa

20|20 editora

ISBN 978-989-707-716-6

11+



9 789897 077166

Literatura Juvenil